

A NATAÇÃO E AS GUERRAS

Depois da época glacial, há cerca de 20.000 anos, com o recuo do manto de gelo que cobria grande parte da terra e que, desfazendo-se, formou lagos e rios, o troglodita começou, certamente, a fazer da natação um dos seus meios de subsistência. Os entalhes nos muros de Wadi Sori, no deserto da Líbia, que nos legaram o único desenho de nadadores da arte pré-histórica, confirmam isso, embora essa referência, a mais antiga que temos do uso da natação pelo homem, date de apenas 9.000 anos A.C.

A medida que deixou de ser um nômade, foi o homem cada vez mais usando e necessitando da natação como meio de subsistência. Ela servia para a pesca, que então, sem apetrechos próprios, con-



sistia numa verdadeira caçada aquática, e servia como auxiliar na própria caça, além de ser um meio eficiente de defesa contra grande número de inimigos naturais.

O homem acabou, mesmo, em muitas regiões, por construir suas habitações sobre a água, formando as cidades lacustres.

Ao se formarem os primeiros agrupamentos organizados e permanentes, dos quais mais tarde resultara as mais antigas civilizações, jamais decaiu a utilidade da natação, pois ela, se de um lado deixou de ser necessária como um meio de defesa contra as feras e outros animais, passou a ser necessária em várias outras atividades, como sejam a navegação e, principalmente, as guerras, quer terrestres quer navais.

A natação era de grande utilidade para os combatentes de então que nas suas campanhas, frequentemente, se viam obrigados a travessias de cursos de água, sem disporem de satisfatório aparelhamento auxiliar.

A natação deve ter sido usada desde os primeiros grandes combates do homem, porém a mais antiga referência gráfica do seu uso militar, data de 1.292 — 1.225 A.C. Foi ela encontrada em relevos de muros egípcios referente à campanha dos Hititas, por Ramsés II.

Através da história, a natação passou a ser cada vez mais útil nas guerras, quer terrestres, quer navais, influenciando nelas algumas vezes, de maneira decisiva, como ocorreu muitas vezes com os fenícios,

CARLOS DE CAMPOS SOBRINHO

(Da Diretoria de Desportos de Minas Gerais)

com os cartagineses e com a conquista da Bretânia por César e ainda com a grande armada Espanhola, que, devido ao furacão que a atingiu, perdeu no mar, sem combater, metade dos seus 21.600 soldados e 8.000 marinheiros.

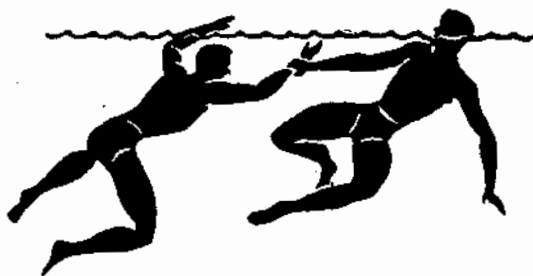
Segundo o historiador Cornélio Tacitus, a Ilha de Mona, na falta de barcos, foi tomada por soldados nadadores, o que tira originalidade aos feitos dos soldados aquáticos japoneses, que, na última guerra, conquistaram várias posições no Pacífico. Aliás, os japoneses não fizeram mais que imitar Alexandre, o Grande, em Nida.

Grandes generais ressaltaram praticamente a utilidade da natação em campanha, como Carlos Magno, Barbarossa, Carlos, o Grande, Scipião, o Africano, Otto II, Olaf Trygvesson e outros.

Ninguém hoje, em sã consciência, pode negar que o ensino da natação deveria fazer parte do currículo preliminar de todo cidadão, embora isso ainda esteja longe de ser pôsto em prática em grande número de países. Esse ensino, que seria como uma "vacina" contra afogamento, reduziria de muito, certamente, as lúgubres estatísticas existentes sobre acidentes aquáticos, mesmo em países muito adiantados como a França e os Estados Unidos, nos quais as mortes anuais por afogamento atingiram, nos últimos anos, cifras sempre próximas a 6.000.

Mas, no tocante as forças armadas não se trata só de completar a educação geral do cidadão e sim, de ministrar conhecimentos que ao invés de decaírem na sua utilidade, tornam-se cada vez mais úteis, à medida que o progresso avança e as armas se aperfeiçoam.

As guerras tem sido decididas, em última análise, pelas conquistas de pedaços de terra e em combates realizados em terra ou sobre a terra, mas, não devemos nos esquecer de que, entre cada pedaço de terra, existe, quase sempre, uma área de água...



Podemos preparar o soldado e adestrá-lo até o momento de entrar em ação, sempre em terra, e, provavelmente, ele terá de combater em terra, mas, segundo as grandes probabilidades, ele terá antes de ser transportado por sobre a água e em condições que tornam bastante provável a necessidade da natação.

O primeiro exemplo de grande transporte militar foi a expedição vingadora dos persas contra os gregos em 490 A.C., composta, segundo alguns autores de 100.000 infantas e 10.000 cavaleiros, que viajaram em seiscentos e sessenta navios através do Egeu, para vingar anterior fracasso de outra força expedicionária.

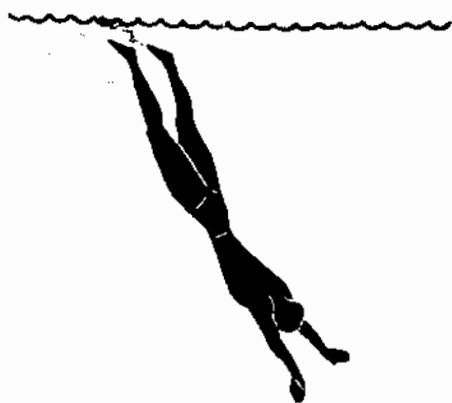


Novamente, em 480 A.C., uma grande frota transportou um exército contra a Grécia. Foi o exército de Xerxes que iria vencer até arruinar Atenas, para ser destruído pelos gregos, finalmente, nas águas de Salamina.

Inúmeros são os exemplos semelhantes que registra a História, não constituindo novidade que na Primeira Grande Guerra mais de dois milhões de soldados tivessem que ser transportados para a Europa, por sobre a água.

Nessa ocasião as perdas foram relativamente baixas, porque eram praticamente desconhecidos os bombardeios e, os submarinos se concentraram principalmente contra a navegação mercante.

Já no último grande conflito armado, o advento do avião, assim como o maior número e a maior eficiência dos submarinos, tornou esses transportes muito mais difíceis e perigosos. E assim, tornaram-se alarmantes as perdas no mar, pelo simples desconhecimento da arte de flutuar,



verificando-se, nesta triste emergência, que a maioria dos combatentes não sabiam nadar. Para ter uma idéia disto basta citar que nos Estados Unidos, o país que maior número de piscinas possui, em oito milhões de convocados pela marinha, metade não sabia nadar.

Sabendo que uma grande percentagem de combatentes era incapaz de flutuar por seus próprios meios e pensando na retirada de Dunquerque, na invasão da Europa, nos grandes combates navais e aéreos sobre o mar, travados na última guerra, poderemos ter uma idéia da utilidade da natação. Mas, não é só. Lembremo-nos de que todos os combatentes americanos que intervieram na última guerra tiveram de ser transportados para os cam-

pos de batalha por sobre grandes extensões de água, e que o mesmo se deu com os brasileiros e com a maioria dos combatentes europeus, japoneses, etc... Além disso, nem todos combateram em terra, muitos o fizeram sobre ou sob a água.

No último conflito mundial a natação também foi útil aos "comandos" que para muitos constituíram uma novidade em atividades bélicas, entretanto, a História registra muitos exemplos desse tipo de combate, e as melhores demonstrações dessas táticas, na antiguidade, são as dos Vikings, que enfrentavam os mares em suas pequenas embarcações, atirando-se sobre as costas da França para saquear e fugir logo depois. E um dos grandes Vikings foi Olaf Trygvesson, Rei da Noruega e eficiente nadador.

Finalmente, os moderníssimos "homens-rãs", que tanto sucesso fizeram na Última Grande Guerra, e que para muitos apresentavam tão grande cunho de originalidade, não fizeram outra coisa que dispor de mais aperfeiçoado aparelhamento para reeditar façanhas semelhantes, praticadas pe-



los antigos combatentes aquáticos, pertencentes à "engenharia marítima" que em era remota, à noite, se aproximavam dos navios inimigos para cortar as amarras ou colocarem bombas incendiárias, precursoras das novíssimas minas adesivas, que os "homens rãs" italianos colocaram nos cascos de navios inimigos, e que, outros "homens rãs", comandados, alguns, pelo célebre e saudoso Crabb, às vezes conseguiram retirar a tempo.

Vemos, assim, que a natação sempre foi e continua a ser cada vez mais útil nas guerras de todos os tipos.

Também vemos que a história se repete.

E mais uma confirmação disso a temos no grande esforço que os americanos vem desenvolvendo atualmente, para adestrar em natação todos os seus combatentes do ar, do mar e de terra. Assim, já se fez também na antiguidade. Muitos povos, percebendo a utilidade da natação nos combates, que eram, então, como agora, meios de so-



breviência, tornaram obrigatória a aprendizagem de natação para todos os jovens. E, centros célebres de ensino existiram, como a Ilha de Delos, dos gregos.

Segundo alguns autores, os primeiros registros históricos de instrução da natação para fins mili-

(CONTINUA NA PÁGINA 25)

A NATAÇÃO E AS GUERRAS

(CONCLUSÃO)

tares vem da Pérsia, quando os meninos de seis anos de idade se tornavam propriedade do Estado, sendo daí por diante, em todos os sentidos, treinados para se tornarem defensores das fronteiras da pátria. Nesse treinamento rigoroso se incluíam marchas em que os recrutas eram forçados a atravessar cursos de água transportando armas.

Em Esparta, idêntico treinamento se iniciava aos 7 anos e a natação tinha lugar proeminente nos treinos diários.



Prática semelhante adotaram os romanos, e até na idade média, do treinamento dos futuros cavaleiros, fazia parte a prática da natação.

Não pode pairar dúvida, portanto, não só sobre a utilidade, mas também sobre a necessidade da natação como complemento do treinamento militar, como acertadamente acentuou o Ten.-Cel. Jayr Jordão Ramos em seu apreciado e oportuno trabalho "Natação Utilitária", publicado no número 81 dessa apreciada revista, em dezembro último.

Nada mais justo e sábio do que aplicar o que se preconizou naquele trabalho ao prepararmos as nossas forças armadas.

Mas, será bastante ministrarmos êsses prudentes e úteis ensinamentos apenas aos nossos milita-

res de carreira? Positivamente, êsse pode ser um trabalho de valor, mas não completo, pois na eventualidade de uma guerra, nas massas convocadas aparecerá uma percentagem enorme de não nadadores, como aliás aconteceu ainda há pouco com a nossa Fôrça Expedicionária, da qual uma elevada parte das baixas se verificou no mar, por obra de torpedeamentos e, portanto, antes dos combates.

Parece-nos que o Exército poderia realizar uma grande obra em seu benefício, com larga e benéfica repercussão em tôda a população civil, se passasse a ministrar o ensino da natação, não só aos militares de carreira, mas, obrigatoriamente, como parte do treinamento em todos os centros de preparação militar, desde os Tiros de Guerra até aos C.P.O.R.



Só assim desapareceria essa alarmante e pesada percentagem de não nadadores numa emergência bélica, e, quanto ganharia de agradável, de útil e de saudável o preparo militar dos nossos recrutas!

Seria obra da mais profunda repercussão essa "vacinação" em massa contra afogamento e requeria uma sólida organização como base.